



TERAPIAS BIOLÓGICAS NO TRATAMENTO DA ASMA GRAVE

EDUARDA WEIRICH DOS SANTOS; PHILIPP WILLIAM MARGREITER; MARIA FERNANDA ALEGRETTI FURIAN

Introdução: A asma é uma doença respiratória crônica caracterizada por um processo inflamatório complexo, com heterogeneidade clínica e fisiopatológica. Em casos graves, sem resposta ao tratamento convencional com corticoides inalatórios e broncodilatadores, os imunobiológicos representam uma alternativa terapêutica promissora. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é realizar uma revisão narrativa da literatura sobre o uso de terapias biológicas na asma grave. **Material e Métodos:** A pesquisa foi conduzida na base de dados PubMed com os descritores “biologic therapies”, “severe asthma”, “omalizumab”, “benralizumab”, “mepolizumab” “dupilumab” com o operador AND. Para refinar os resultados, aplicou-se o operador NOT com os termos “children”. Também utilizou-se o filtro “free full text”, incluindo apenas artigos com acesso gratuito. Foram encontrados 29 artigos entre 2024 e abril de 2025, dos quais 5 foram selecionados, após a exclusão daqueles que não abordavam diretamente o tema. **Resultados:** após análise da literatura, evidencia-se que pacientes com asma grave apresentam exacerbações frequentes com significativa redução da qualidade de vida, demandando novas alternativas de tratamento. Embora o manejo da asma grave tenha avançado nas últimas décadas, especialmente para pacientes com inflamação tipo 2 (T2), escolher uma terapia adequada e individualizada ainda é um desafio. Atualmente, existem 6 anticorpos monoclonais aprovados para a asma grave, geneticamente modificados, desenvolvidos especificamente para seus alvos antigênicos. Destacam-se: Omalizumabe (Anti-IgE), Mepolizumabe e Reslizumabe (Anti-IL-5), Benralizumabe (Anti-IL-5R), Dupilumabe (Anti-IL-4/IL-13) e Tezepelumabe (anti TSLP) e têm como principais alvos as citocinas T2 (IL-4, IL-5 e IL-13), a IgE e fatores iniciais da cascata inflamatória. Logo, são mais eficazes em pacientes com níveis elevados de biomarcadores inflamatórios do tipo T2. Contudo, apesar dessa especificidade, há uma considerável variabilidade nas respostas ao tratamento, que variam de remissão até a ausência de resposta, fator que dificulta identificar quais pacientes se beneficiarão dessas terapias e qual imunobiológico é a melhor escolha. **Conclusão:** portanto, observa-se um impacto positivo dos imunobiológicos no manejo da asma grave do tipo T2, reduzindo exacerbações e mantendo a doença controlada. Todavia, ainda persiste o desafio de selecionar o biológico ideal, mostrando a necessidade de estudos que identifiquem biomarcadores mais precisos para uma abordagem terapêutica mais eficaz.

Palavras-chave: CITOCINAS; IMUNOBIOLÓGICOS; ; MONICLONAI